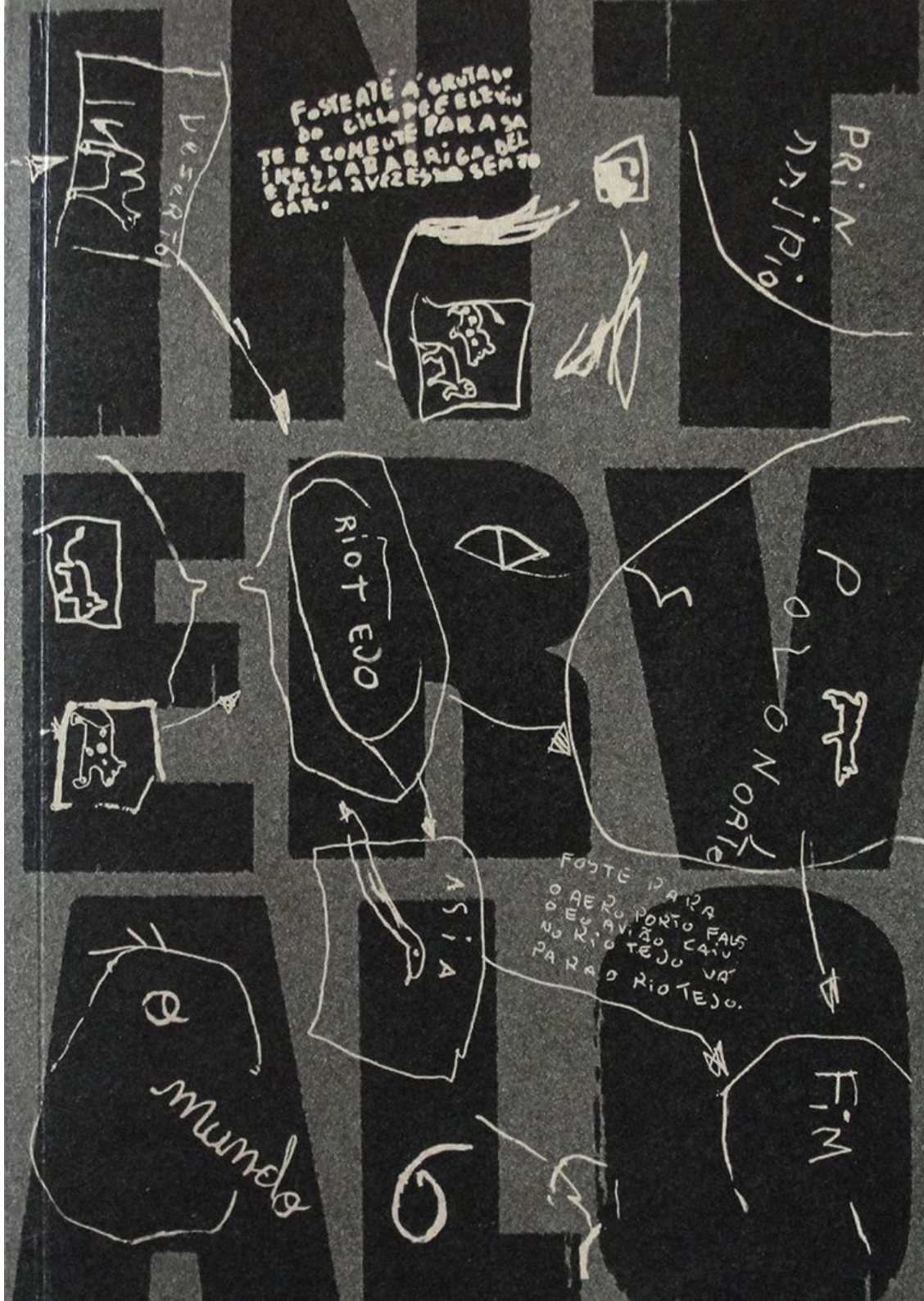

FOSTE ATÉ Á GRUTA DO CICLO DE ELEVIN TE E COMEUTE PARA SA IRES DA BARRIGA DEL E FICA AVEZES SEM JO GAR.
DESERTO
PRIN NSIPIO
RIOTEJO
POLO NORTE
ASIA
FOSTE PARA O AERO PORTO FALS O EU AVIÃO CAIU NO RIOTEJO VÁ PARA O RIOTEJO.
O mundo
FIM

Sumário

11 Alexandra Lucas Coelho
Hydra

13 Artur Almeida

15 Cristina Fernandes
O mundo de Danièle Huillet e Jean-Marie Straub

25 Daniela Gomes
Rosa do Mundo

26 Diniz Conefrey
Lugar do Coração

38 Filipe Pinto
23 Notas para 1 Ideia de Mundo

47 Luis Manuel Gaspar
Planisfério

49 João Miguel Fernandes Jorge
Usura

57 John Mateer
No Espelho Chinês

71 Marta Lança
Percurso-paisagem

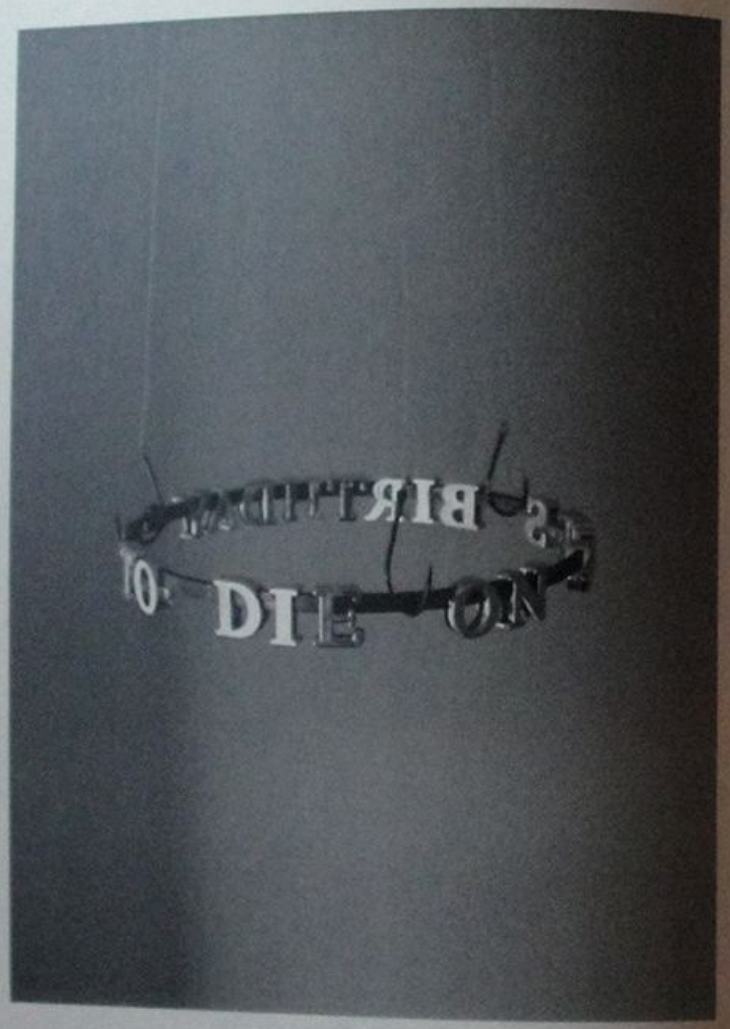
83 Maurício Salles Vasconcelos
Júbilo do Mundo

99 Miguel Cardoso
Oficina de Mundos
O aparelho aplicaria ao instante um choque póstumo

103 Paula Januário
Querido Estranho

127 Silvina Rodrigues Lopes
O nascer do mundo nas suas passagens – dissensus

136 Leituras (Mariana Pinto dos Santos)
· *Sobre* Câibra *(Ediresistência, 2012) de Miguel Martins*
· *Agarrar a luz com as mãos abertas: Maria João Worm*



[To die on one's birthday]

Filipe Pinto, Loop #5, letras para pulseira de criança, anzóis, fita de aço, (9 x 9 x 1 cm.)

23 NOTAS PARA 1 IDEIA DE MUNDO

FILIPE PINTO

O que não é corpo é mundo; de fora do saco de pele tudo é outra coisa; o inferno são os outros, mas sem outros é o inferno também. Um mundo, um m-um-do; o mundo é só um mas engloba tudo; o mundo todo, o mundo tudo. O mundo engloba precisamente — englobar, tornar globo, fazer fazer parte do globo; englobar é arredondar, distrair pormenores, agrupar; englobar — o verbo do mundo. Englobar é uma acção de assimilação, ocupação do espaço adjacente; é aumentar o conjunto, alargar a comunidade; abraço apertado, abraçar para fazer parte de si, abraçar porque ainda não é meu.

I am always taken with the experience of sitting on a seat in the subway and feeling the body heat of someone who sat there before me (...) Maybe I never saw them, but I feel very close. One body recognizes the warmth of another. I seek that recognition in my work.[1]

•

Englobar, assimilar, aglutinar — a estratégia do obeso; ocupar o espaço adjacente com o máximo de corpo; comer tudo à volta para tornar parte do mundo parte do seu corpo. Poder-se-ia dizer que o globo é redondo porque redonda é a forma da obesidade. A obesidade é desobediência

1 Janine Antoni in Martha Buskirk, *The Contingent Object of Contemporary Art*, Cambridge, The MIT Press, 2003, p.143.

civil; a obesidade escapa às determinações biopolíticas da civilidade e saúde individual. Não sendo contingência mas escolha, a gordura não é formosura mas política.

•

O mundo engloba tudo, só as nuvens parecem escapar ao globo; mas quando chove também as gotas são do nosso mundo; até os pássaros mais tarde ou mais cedo re-pousam nas veias dos troncos das árvores. A sombra rápida e rastejante do voo do pássaro não deixa o chão — a sombra rasteja como um soldado em combate. A gravidade é uma garantia — todos voltam. Estamos presos pelo peso; só o fumo quente parece ser aspirado pelas alturas para logo se desvanecer longe da vista. Peso — quando finalmente largamos os sacos das compras no chão da cozinha. O insuportável refere-se sempre a um peso.

•

Esperei quarenta minutos pelo autocarro; cansei-me; que quer isto dizer? Que corpo é este que se cansa a si próprio, mesmo quando está parado? Parece que o seu peso não era suposto, foi-lhe imposto à última hora; o peso é sempre um incómodo, a não ser quando se pesa o ouro de família. Este peso não é próprio, como acontece com os patos e gansos, que num equilíbrio tão absurdo quanto eficaz, dormitam numa só perna, com o bico enfiado nas penas das costas.

•

Pesar e crescer têm movimentos opostos — se um nos liga ao chão o outro afasta-nos dele; na morte rendemo-nos finalmente ao peso do corpo e este entrega-se à mastigação característica da terra — o que morre não cai fora do mundo, escreveu Marco Aurelio. Em tempos um corpo vivaço encharcado de sangue rápido, agora uma carne incógnita e coagulada, depois uma terra mais fértil que nunca.

O corpo desiste na terra como esta no mar.

•

Perto da casa da minha mãe existe uma agência funerária que em vez de uma montra de vidro tem uma de espelho; de frente e de pé olho para mim próprio, e por cima do meu reflexo inteiro leio 'Funerais e Cremações'; parece-me o anúncio perfeito (*site specific*) — anoto os contactos.

•

A pele da terra, a crosta terrestre é o lugar preciso da reciclagem; tudo o que é vivo vive na periferia da terra, no limite, nessa ínfima película fértil do planeta em permanente fundição interior. Um aviso — se no momento da erupção imprevisível te encontrares na orla do vulcão, não fujas de costas encosta abaixo, vira-te para a explosão rochosa e tenta desviar-te dos cometas ardentes, ouvi num documentário na televisão; (outro aviso — na iminência do atropelamento, por favor querida, salta).

•

Por baixo da cidade, de todas as cidades, por baixo de tudo, essa camada de terra mastigadora aguarda pacientemente — por baixo dos passeios, estradas, prédios, até por baixo dos túneis. Numa cidade, são os jardins que parecem estar por cima, a tapar as coisas do cimento. *This smoky winter morning—/ do not despise the green jewel among the twigs/ because it is a traffic light.* (*Nesta brumosa manhã de Inverno—/ não desprecies a jóia verde entre os ramos/ só porque é a luz do semáforo*)[2] Jardim de Inverno, duas coisas que gosto.

•

A ordem das luzes dos semáforos vai do verde ao vermelho; do vermelho para o verde as luzes dão um salto artificial; do verde para o vermelho a cor vai amadurecendo, com o laranja a intervalar, como um aviso do excessivo amadurecimento, da iminente putrefacção. O verde é a cor da frescura e da natureza, mas também do tempo antes do tempo, da época antes do amadurecimento, a cor da adolescência das coisas.

2 Poema de Charles Reznikoff citado por Enrique Vila-Matas, *Diário Volúvel*, Lisboa, Editorial Teorema, 2008, p.144

•

As árvores não têm frente.

O crescimento dos troncos secundários e dos ramos das árvores dá-se em jeito de centrifugação, abraçando em círculo o ar vazio circundante, ou em jeito de explosão lentíssima, tão lenta que se torna invisível.

As videiras ignoram o que toda a árvore sabe, a direcção do céu.

O vento é mudo — são as árvores que dão voz ao vento —, a não ser os cornos dos troncos nus das árvores no Outono, que o silenciam.

As folhas leves e claras das copas de algumas árvores parecem cintilar ao sol e ao vento, numa tarde.

•

A terra apodrece e só depois faz desaparecer, só depois engloba; do que a terra gosta é da putrefacção, do pútrido, do podre, do que enoja (do imundo precisamente) e cheira mal; (o olfacto é o sentido do estragado e do limpo). Para a terra, o podre é o mais saudável; saudável quer dizer que só tem boas consequências, que só funciona para o futuro; por exemplo, na comida, saudável não diz respeito ao sabor — o presente — mas apenas à consequência — o futuro — do alimento no corpo.

•

O enterro dos corpos mortos é uma espécie de recompensa que os homens oferecem à terra; mesmo quando apenas caem inertes, mais tarde ou mais cedo são recebidos, abraçados e englobados; (uma recompensa — quando os gatos dão meia volta e voltam a nós).

(Os gatos agacham as pessoas).

•

Toute mère confie, au sortir de sa vulve, son enfant à la mort.[3] *To get born, your body makes a pact with death,/ and from that moment, all it tries to do is cheat.*[4] «Já chegou» disse Lawrence Sterne no último fôlego de vida. *(...) W. C. Fields deixou escrito no epitáfio da sua sepultura: 'Apesar de tudo, preferiria estar em Filadélfia.'*[5]

•

Ecologia é a estratégia de deixar cair na terra apenas o que é integralmente bio; ecologia é a política da queda das coisas. (As beatas semeadas pelos passeios da cidade, que se entranham e se eternizam, desagradáveis não degradáveis, na terra que intervala as pedras da calçada).

•

Uma queda é sempre um encontro — o copo cai e troca-se em vidrinhos, a bola saltita, o crânio abre-se em líquido, os pés andam; *You're walking./ And you don't always realize it, but you're always falling./ With each step you fall forward slightly./ And then catch yourself from falling./ Over and over, you're falling./ And then catching yourself from falling./ And this is how you can be walking and falling at the same time.*[6]

Imprevisível é a resposta da bola de rugby ao toque do chão.

•

A ecologia é a política da queda das coisas na terra mas não só, a atmosfera também se polui — o ar tem endurecido nas últimas décadas, com os ácidos vaporosos, gases asfixiantes, partículas voadoras quase invisíveis que artificializam cores e transtornam cheiros. Os gases estranhos à biologia das coisas transformam aromas em cheiros e odores — um bom cheiro é um aroma, um mau, um odor. Um cheiro, uma transformação atmosférica, como o é o som, trepidação das coisas do ar.

3 Pascal Quignard, *Le Sexe et L'Effroi*, Paris, Éditions Gallimard, 1994, p.294.

4 Louise Glück, «A Slip of Paper», in *A Village Life*, New York, Farrar, Straus & Giroux, 2009

5 Enrique Vila-Matas, *Diário Volúvel*, p. 26

6 Laurie Anderson, «Walking and Falling» in *Big Science*, Warner Bros., 1982.

•

A queda na terra não é apenas um encontro, é uma assimilação; a terra é omnívora como o são as cabras, que mastigam tudo, biologizam quase tudo. Biologizar é um pouco como higienizar, fazer a higiene da terra, extrair o que lhe é estranho, logo prejudicial. Higienizar é restituir a ordem terrena; não ordená-la, mas proporcionar-lhe a ordem anterior ao homem.

•

As viagens espaciais desvirtuaram a lei de Lavoisier — já há lixo no espaço, bandeiras na lua, robots em marte, um carrossel de satélites, uma ou outra nave solitária e quase perdida a vaguear no incógnito; mas por vezes até os satélites se precipitam e retornam.

•

A crosta é o lugar da raiz, a âncora das plantas, âncora vegetal; a raiz pode ser o vértice da conjunção terra-mundo — a raiz hifeniza o subterrâneo e o superficial —, porque possivelmente o mundo é só o que acontece por cima do chão, ou o que é visível ainda que subterrâneo; ou o que é ou pode ser iluminado.

•

Dar à luz, dar a criança à luz, oferecer luz à criança, acender-lhe um mundo; no recém-nascido a luz aparece de repente; após nascer seguimos sempre a luz; a luz é como uma ilha como um íman. O espanto é o nome que se pode dar à passagem da sombra à luz. *Custara-lhe que a cabeça e os membros atravessassem a vagina materna./ Mas depois os dois lados da cabeça refulgiram muito,/ e ele ergueu-se à altura do seu nome,/ antebraços apanhando a luz, pés a correr como em cima de água,/ torso puro* (...).[7] — cabecear, esbracejar, manietar, manipular, manejar, espernear, pontapear — verbos físicos do corpo vivo.

•

No ventre não há vazio — o nascimento é traumático porque é a expulsão para o nada, para o ar; o nascimento é perfurar o ar; saímos a berrar de um corpo que berra, escreve algures Quignard. Expulsão é uma palavra carregada — na expulsão lê-se o salto do impulso, o pulsar da vida, a latência do pulso; (latejar, sentir a pulsação na ferida, sentir o pulsar do corpo na pele aberta).

De frente para o ecrã, a pulsação do cursor.

O pulso é um dos sítios de certificação de vida; é, com o pescoço, um dos pontos de vida — como se a vida passasse especialmente por ali; é onde o trânsito do sangue é mais ruidoso e orgulhoso.

A expulsão é sempre um salto, para fora, um salto coagido, obrigado, um salto político — a expulsão do estrangeiro, do outro, do bêbado; na expulsão, por via do pulso e da repulsa, também se lê o punho adjacente, o punho político, o empunhar da arma.

•

De tal forma a morte é apenas futura que há quem não a aguente e se suicide. É como se a vida dissesse o seguinte: e simplesmente não houvesse seguinte. E só os dois pontos à espera.[8] (por exemplo, para um suicídio conseguido na estação do metro é preferível mergulhar do lado do cais de onde o comboio irá aparecer, porque aí ainda roda com velocidade e obstinação, e a surpresa não permitirá a travagem sobrevivente). Seja como for, a terra é o fundo onde os corpos finalmente se deitam, caem ou mergulham; (porque até o abismo tem um fundo); os corpos que já não pulsam são abraçados e agarrados pela terra, como os pés pelos sapatos, como as costas pelas mochilas, como as orelhas pelos óculos.

O que são os braços sem o abraço que os parece justificar? que parece justificar a amplitude da sua abertura, a sua envergadura?

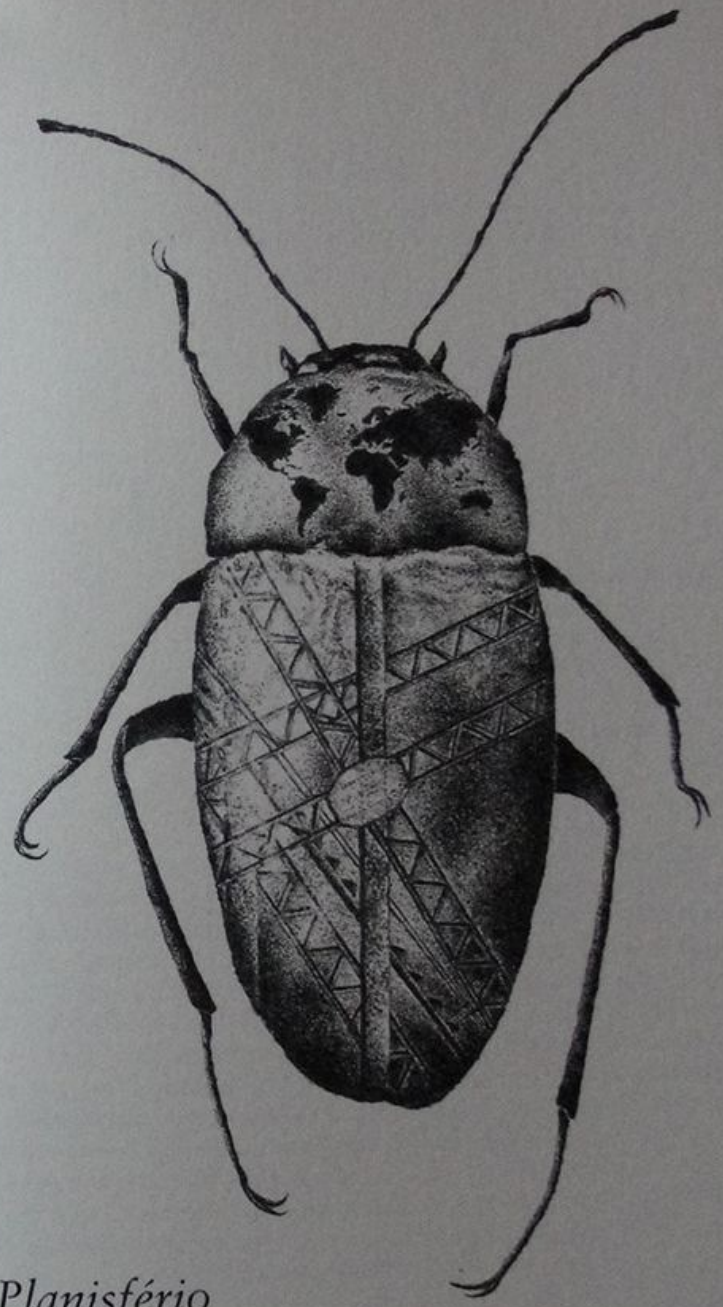
7 Herberto Helder, *Do Mundo*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994, p.84

8 Clarice Lispector, *Água Viva*, Lisboa, Relógio D'Água, 2012, p.68.

Temos braços porque nos falta qualquer coisa, porque não somos completos (ver Aristófanes); temos braços pela mesma razão que a boca nos fala — *boca incompleta*, Ramos Rosa.

•

Morrer no dia de aniversário, o fecho do ciclo do tempo.
Quanto tempo de ampulheta tem o areal de uma praia?



Planisfério

LUIS MANUEL GASPAR